

A CÁRITAS

18 – Globalização vs. Universalidade

P. *Boa noite. Retomamos as nossas conversas com Elicídio Bilé – Presidente da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco – que hoje vem falar-nos da Globalização, da sua origem, objectivos e consequências na vida concreta das pessoas.*

Mas, em primeiro lugar, e porque terminou na passada semana o Conselho Geral da Cáritas Portuguesa que a Cáritas Diocesana acolheu em Castelo de Vide, gostaria de lhe perguntar, como correu, e quais as principais conclusões deste evento?

R. Boa noite. Quanto ao Conselho Geral da Cáritas, deixe-me dizer que estou muito feliz por tudo o que aconteceu.

Com a presença de todas as Cáritas Diocesanas do País, tivemos oportunidade de fazer um balanço das nossas actividades, de projectar o próximo ano, de trocar experiências e de rezar e reflectir, conforme aqui referi no programa anterior.

Antes de mais quero aqui deixar expresso o nosso reconhecimento e um especial agradecimento à Câmara Municipal de Castelo de Vide, particularmente ao Sr. Presidente que nos honrou com a sua presença na sessão de abertura e ao Vice-Presidente Sr. António Pita que nos apoiou no plano logístico, acompanhou os nossos trabalhos, ofertou lembranças a todos os conselheiros e propiciou uma visita guiada ao riquíssimo património histórico e arquitectónico de Castelo de Vide.

Igualmente, manifestamos o nosso agradecimento ao “Sol e Serra Golf Hotel” que, devido ao profissionalismo e à simpatia de todos os seus trabalhadores e à colaboração do seu Director, concretamente na política de

preços praticada e na ajuda logística aos trabalhos, muito dignificou a realização deste Conselho Geral e o acolhimento a todos os participantes.

Quanto às conclusões do Conselho Geral, vale a pena referir as mais relevantes que assentaram nos seguintes aspectos:

- O trabalho da Cáritas deve ser organizado e ser tecnicamente eficaz, devendo aproveitar-se as novas tecnologias, assim como a aplicação de novas metodologias de trabalho, tirando o máximo partido do Centro de Recursos existente no site da Cáritas em www.caritas.pt.
- Deve existir uma maior consciencialização para as alterações que, constantemente se verificam na sociedade portuguesa.

D. José Alves referiu, a este propósito, que este processo significa não uma mudança, mas mais do que uma mudança, uma mutação, com carácter mais radical e mais profundo que deverá ser reflectida e compreendida por todos. Acrescentou ainda que o trabalho da Cáritas deverá ter um objectivo comum, ser coordenado e ter em conta as orientações de toda a rede, nomeadamente: Cáritas Internationalis, Cáritas Europa, Cáritas Portuguesa e Cáritas Diocesanas.

- Foram apresentadas as conclusões da Assembleia-geral da Cáritas Internationalis, realizada em Roma, em Junho de 2007, de que se destacam as seguintes prioridades estratégicas:
 1. Intervenção em situações de emergência;
 2. Desenvolvimento humano integrado;
 3. Adaptar as estruturas, os processos e as finanças da Confederação.
- ***“Acolhe a Diversidade. Abre as portas à Igualdade”*** foi o lema escolhido para a Semana Nacional da Cáritas em 2008.

- Da apresentação do Centro de Recursos, do Fórum Cáritas e da Intranet, ressaltou o empenho de todos em dinamizar estas ferramentas que todos consideraram como mais-valia para a promoção e dinamização da rede.
- Sete Cáritas Diocesanas acederam iniciar a recolha de informação no âmbito do Observatório Social e, até final de 2007, indicarão as paróquias a envolver.
- Foi apresentado o ponto da situação da Campanha “*Cáritas Ajuda as Vítimas do Terramoto no Peru*” e a Campanha “*Por Dafur*”.
- O Programa da operação “*10 Milhões de Estrelas*” de 2007 foi apresentado com a particularidade da participação da Liga Portuguesa de Futebol.
- Foi aprovado o Plano de Actividades para 2008 e o respectivo orçamento previsional.
- Por fim foi apresentado um voto de pesar pelas vítimas do Bangladesh.

P. *No decurso do Conselho houve ainda dois momentos de particular interesse. Quer referi-los?*

R. Creio que se está a referir ao Protocolo estabelecido com a Universidade Católica e à Palestra proferida pelo senhor D. Carlos Azevedo – Bispo Auxiliar de Lisboa e Secretário da Conferência Episcopal Portuguesa.

Quanto ao protocolo que a Cáritas Portuguesa estabeleceu com o Departamento de Teologia da Universidade Católica, esteve presente no Conselho Geral o Professor Doutor Juan Ambrósio que apresentou o Curso “*Cuidar do Mundo*” – Introdução à Doutrina Social da Igreja. Este curso tem 7 unidades temáticas em sistema e-learning (formação à distância via Internet) e será leccionado pela Universidade Católica. No final os

participantes serão avaliados e serão conferidos créditos aos que possuam acima do 12.º ano (inclusive) e entregues diplomas de participação aos restantes. Os destinatários deste curso serão os técnicos e voluntários da Cáritas e demais Instituições da Igreja, para além de pessoas individuais, católicas ou não, que manifestem interesse em aprofundar o conhecimento da D.S.I.

Quanto ao outro momento que refere, tratou-se de uma palestra proferida por D. Carlos Azevedo, muito rica de conteúdo, aberta à participação da comunidade de Castelo de Vide e de toda a diocese, subordinada ao Tema: ***“Globalizar a Caridade. Construir a Paz”***.

A Assembleia da Cáritas Internationalis, realizada em Junho passado, versou este mesmo tema, o qual resultou num desafio, segundo o quadro estratégico aprovado e defendido na última assembleia, em Roma.

Da palestra saliento as seguintes referências:

- A era da Globalização é o fim de um ciclo. Melhor do que a globalização importa o sentido da Universalidade, não como mero conceito mas como uma atitude organizacional.
- Na senda de uma indicação para uma ética global importa assumir uma ética de responsabilidade solidária, uma ética universalista que atenda às exigências da justiça, uma ética universalista da instituição a favor dos desfavorecidos (refundar as instituições), assumindo-se assim uma globalização eticamente fundada.
- Construir a paz é criar condições efectivas de justiça social e de libertação dos oprimidos. O processo de construção da paz é um processo constante, sustentado numa vontade firme e em bases escoradas em processos educativos.

P. *Esta palestra foi acompanhada pela comunicação social e por cerca de 150 participantes. Tem havido algum eco?*

R. A comunicação social regional, algumas rádios e agências noticiosas fizeram eco deste evento e produziram as mais variadas referências a todos os assuntos tratados. Contudo a Cáritas Portuguesa decidiu, em sede de Conselho Geral, que iria promover a publicação integral desta palestra, em brochura prefaciada por uma individualidade de reconhecida competência na matéria a que ela se subordina.

É com base na mensagem deixada por D. Carlos Azevedo que a nossa conversa de hoje se inspira – *“Globalização vs. Universalidade, para construção da paz”*.

Por isso, começo por transcrever as palavras de D. Carlos Azevedo no final a sua comunicação:

«Um projecto ético de paz pertence à sociedade civil. Requer uma “metanóia” de pensamento, uma conversão, uma nova mentalidade. Só uma cultura de paz existente nos cidadãos permitirá a construção da paz. A convivência pacífica no meio do legítimo pluralismo, a criação de estruturas de tolerância cívica perante os fundamentalismos, a formalização em direito positivo dos vários ideais dos direitos humanos, o diálogo continuado, a conjugação dos valores básicos da verdade, justiça, amor e liberdade, são alimento de uma vida em paz. Construir a paz é tarefa de tal amplitude que requer uma mobilização global, ou melhor, universal».

Este pequeno texto não exprime toda a riqueza da comunicação, contudo, traduz sinteticamente o pensamento expresso pelo autor, na globalidade da palestra proferida e a opção clara pelo universalismo que vai muito para além da globalização.

P. *Nesse contexto, será legítimo perguntar:*

- A Globalização é um problema ou é uma solução?

R. Eu diria que a globalização não é problema nem solução, aliás D. Carlos Azevedo expressou-se no mesmo sentido, quando confrontado com uma questão idêntica.

A globalização é uma maneira de viver em sociedade. Pode causar desequilíbrios, mas é inevitável, por isso poderemos dizer que a globalização é, antes de mais, uma oportunidade.

Quanto à universalidade é, sobretudo, uma expressão que vai de encontro ao íntimo do homem, ao centro da humanidade e dá resposta à totalidade da existência do ser humano, e ao real e concreto da vida.

P. *Na realidade da Cáritas, como poderemos designar a sua intervenção – Acção ou Formação para a Universalidade?*

R. A Cáritas, como um serviço organizado da Igreja Católica, não pode ficar-se só em fazer o bem. A acção é fundamental, mas é urgente parar para pensar, para aprender a fazer o bem – *para pensar o bem*, como diz D. Carlos Azevedo. Daí a formação para a universalidade como tarefa essencial para a acção.

P. *Nesse caso não seria importante que a Cáritas agisse mais na denúncia?*

R. Como sabe a Cáritas faz denúncia social, apresenta propostas e age em conformidade. Neste programa, que aqui fazemos em nome da Cáritas, temos feito imensas denúncias e temos feito muitas propostas para encontrar soluções.

A Cáritas tem tido imensa visibilidade nas intervenções e na ajuda concreta às pessoas e às diversas comunidades, quer na diocese, quer no País, quer ainda em países terceiros onde existem conflitos ou catástrofes naturais, mas não podemos confundir visibilidade com realidade. Não podemos esquecer o concreto do bem, do real.

A acção concreta, próxima, realizada pelas comunidades cristãs e em particular pela Cáritas, não pode ser ignorada, até pela proximidade, como nenhuma outra instituição. As paróquias são desafiadas a encetar formas de proximidade das pessoas, sobretudo nos centros urbanos onde a dispersão é mais notória.

Há uma dimensão de globalidade para a Igreja que devemos valorizar, a globalidade do ser humano, o bem-estar das pessoas, a sua integralidade.

D. Carlos Azevedo afirma: *O cristianismo light não atrai, mas o cristianismo assente na radicalidade dos comportamentos deve ser a opção do cristão."*

P. *É isso que significa o princípio da universalidade que vai para além da globalização, como tem referido?*

R. Pode dizer-se que sim. Não se é Cristão se não se vive em comunidade. Não se é Cristão quando se vive, em exclusivo, dos sacramentos.

Só se é Cristão na globalidade: No compromisso da fé e no compromisso da acção.

D. Carlos diz que: *“a visibilidade não deve ser procurada, mas afirma-se pela acção concreta e isso consegue-se dando as mãos para agir em conjunto”*.

P. *Com a sua resposta estou a lembrar-me da acção da Cáritas a favor dos imigrantes. Também nessa acção concreta está patente o princípio da universalidade?*

R. Aí está uma questão na qual poderemos analisar a diferença entre globalização e universalidade, ou como titularia esta crónica: Globalização vs. Universalidade.

Por exemplo, uma pessoa torna-se imigrante por força da globalização que acentuou, de uma forma dramática, a percepção das desigualdades entre os povos. Mas o sentido alargado de cidadania, torna o imigrante e todos os homens, cidadãos do mundo, iguais em direitos e deveres.

Isto é universalidade.

Sobre isto recorde Miguel Torga que escreveu um poema sobre a Universalidade e que me apetece aqui reproduzir:

UNIVERSALIDADE

*Aqui declaro que não tem fronteiras.
Filho da sua pátria e do seu povo,
A mensagem que traz é um grito novo,
Um metro de medir coisas inteiras.*

*Redonda e quente como um grande abraço
De pólo a pólo, a sua humanidade,
Tendo raízes a localidade,
É um sonho aberto que fugiu do laço:*

*Vento da primavera que semeia
Nas montanhas, nos campos e na areia
A mesma lúdica semente,

Se parasse de medo no caminho,
Também parava a vela do moinho
Que mói depois o pão de toda a gente.*

P. *De facto, parece ter sido escrito para esta conversa.*

Mas, voltando à globalização, constatamos que é uma das palavras mais ouvidas nos dias de hoje. Neste universo global, é possível deixar de falar de globalização?

R. Não me parece que, nos tempos mais próximos, possamos deixar de falar em globalização, apesar de podermos considerar que a globalização vai ser o fim de um ciclo, como outros que existiram e terminaram. Lembro o “Iluminismo”, a “Revolução Industrial”, o “Socialismo” entre tantos outros.

No final da década de oitenta, do século passado, ocorreram inúmeros factos históricos que provocaram profundas mudanças políticas e económicas no mundo.

Dada a sua proximidade, todos estamos recordados de alguns deles:

- A queda do Muro de Berlim;
- O fim da Guerra-fria;
- A desintegração da União Soviética;
- O fim da política do Apartheid na África do Sul;
- O acordo de paz entre Israel, OLP e Jordânia
- A formação de blocos económicos, como a União Europeia e o Mercosul, entre outros;

- O crescimento económico de alguns países asiáticos, entre os quais o Japão e a China que se tornaram grandes potências económicas;
- O fortalecimento do capitalismo transformando-o no neoliberalismo existente;
- O desenvolvimento científico e tecnológico, também chamado de “Revolução Tecnológica”.
- etc.

A partir daqui poderemos constatar que a globalização se tornou uma palavra em “moda”, mas nem sempre com o mesmo significado.

A globalização trouxe profundas transformações, não só ao nível político e económico, mas também no comércio que se abriu ao capital internacional, à revolução nas tecnologias de informação (telefones, computadores, televisão, entre outros), à uniformização das fontes de informação devido ao alcance mundial da notícia, até às preocupações ambientais.

P. Mas tudo isso tem consequências, não é verdade?

R. As consequências são inevitáveis. Desde logo os países e os seus líderes estão sob vigilância constante da opinião pública nacional e internacional. Logo, qualquer passo em falso poderá resultar em penalizações para os detentores do poder e para esses países.

Por outro lado a canalização de recursos para a educação e a saúde, e a abertura a empresas do sector privado, que antes eram administradas pelo Estado, poderão contribuir para a promoção de maior igualdade de oportunidades, aumentando o grau de mobilidade social.

Resta saber se os países pequenos e de menores recursos serão capazes de superar os desafios impostos pela globalização.

P. *Seria agradável continuarmos esta nossa conversa, mas o tempo de que dispomos está a esgotar-se, por isso, peço-lhe uma palavra de despedida.*

R. Para terminar recordava que festejámos, no domingo passado, a solenidade de Cristo Rei do Universo. Esta festividade é a prova cabal do que aqui temos estado a dizer. Jesus Cristo é Rei no coração de todos os homens. Representa a universalidade do Amor de Deus, que não faz acepção de pessoas, que abrange com o seu amor, a globalidade de todos os homens e do homem todo. Jesus Cristo reina sem riquezas materiais, mas quer reinar no coração de todos os homens e levar todos a participar na verdadeira riqueza do Reino de Deus.

Muito boa noite.

P. *Terminamos, assim, mais um programa da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco, agradecendo ao Elicídio Bilé mais esta reflexão que aqui nos deixou.*

Muito Boa noite.

Portalegre, 28 de Novembro de 2007

Elicídio Bilé